

Revista de Comunicação Científica: RCC



ARTIGO

EDUCAÇÃO MUSEAL INDÍGENA VIVENCIADA NO CONTEXTO DO MUSEU DO VALE DO ARINOS, NA AMAZÔNIA MATO-GROSSENSE

Indigenous museum education experienced in the
context of the Vale do Arinos museum, Mato
Grosso's Amazon

La educación en museos indígenas
experimentada en el contexto del museo Vale do
Arinos, Amazonía de Mato Grosso

Saulo Augusto de Moraes
Mestrando do Programa de Pós Graduação em
Educação PPGEdu - UNEMAT.
E.mail: saulo.augusto.moraes@unemat.br

Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira
Professora Dra. do Programa de Pós Graduação
em Educação- PPGEdu/UNEMAT.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8733-8255>
E-mail: waldineiaferreira@unemat.br

Como citar este artigo:

MORAES, Saulo Augusto de & FERREIRA,
Waldinéia Antunes de Alcântara. Educação museal
indígena vivenciada no contexto do museu do Vale
do Arinos, na Amazônia Mato-Grossense In
Revista de Comunicação Científica – RCC,
Maio/Agosto, Vol. II, n. 9, pgs. 110-122, 2021. ISSN
2525-670X.

Disponível em:
<https://periodicos.unemat.br/index.php/RCC/index>

Volume I, número 9 (2021)
ISSN 2525-670X

EDUCAÇÃO MUSEAL INDÍGENA VIVENCIADA NO CONTEXTO DO MUSEU DO VALE DO ARINOS, NA AMAZÔNIA MATO-GROSSENSE

Indigenous museum education experienced in the context of the Vale do Arinos museum, Mato Grosso's Amazon

La educación en museos indígenas experimentada en el contexto del museo Vale do Arinos, Amazonía de Mato Grosso

Resumo

Este trabalho é resultado de uma reflexão ampliada da mobilização/participação do Museu do Vale do Arinos, no evento “IX ENAED – Encontro Nacional de Educação”, realizado pela Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Sinop-MT, no ano de 2019. O museu é uma instituição da administração pública municipal de Juara/MT de gestão compartilhada com a Universidade do Estado de Mato Grosso e Instituto de Educação, Cultura e Meio Ambiente do Vale do Arinos – ECUMAM e uma das suas ações foi a de mobilizar a participação de indígenas no evento, a partir da compreensão etnopolítica do museu.

Palavras-Chave: Educação Museal, Movimento Indígena, Museu do Vale do Arinos.

Abstract

This work is the result of an expanded reflection on the mobilization/participation of the Vale do Arinos Museum, in the event "IX ENAED - National Education Meeting", held by the University of the State of Mato Grosso, Campus de Sinop-MT, in 2019 The museum is an institution of the municipal public administration of Juara/MT with shared management with the State University of Mato Grosso and the Vale do Arinos Education, Culture and Environment Institute – ECUMAM and one of its actions was to mobilize the participation of indigenous people in the event, based on the museum's ethnopolitical understanding.

Keywords: Museal Education, Indigenous Movement, Vale do Arinos Museum.

Resumen

Este trabajo es el resultado de una reflexión ampliada sobre la movilización / participación del Museo Vale do Arinos, en el evento "IX ENAED - Encuentro Nacional de Educación", realizado por la Universidad del Estado de Mato Grosso, Campus de Sinop-MT, en 2019 El museo es una institución de la administración pública municipal de Juara / MT con gestión compartida con la Universidad Estatal de Mato Grosso y el Instituto de Educación, Cultura y Medio Ambiente Vale do Arinos - ECUMAM y una de sus acciones fue movilizar la participación de indígenas en el evento, basado en la comprensión etnopolítica del museo.

Palabras clave: Educación Museal, Movimiento Indígena, Museo Vale do Arinos.

Introdução

Este artigo provoca uma reflexão na composição histórica da constituição da maioria dos museus, a visibilidade de povos e etnias sob a égide colonialista, a partir da forma como a cultura material e imaterial são tratadas e concebidas no espaço do museu; ademais reflete também a possibilidade de outras formas de constituições museológicas. Ainda, traz uma experiência vivenciada pelo Museu do Vale do Arinos, num exercício dialógico das ações com a pesquisa em desenvolvimento acerca da práxis deste lócus.

O que se apresenta é o relato de uma experiência vivenciada coletivamente que em análise crítica despertou para uma reflexão do papel da instituição museológica no contexto do movimento indígena Mato-Grossense, e, assim também discute o museu e suas práticas e/ou práxis como objeto de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso “Carlos Alberto Reys Maldonado”. Os diálogos apresentados no texto faz parte de uma abordagem decolonial.

Nessa perspectiva, a instituição museológica está inserida no contexto dos equipamentos sociais que (re) criam e difundem narrativas educativas – que são sempre orientadas por determinada postura teórica e política – por meio de uma homologia de processos e práticas que produzem diferentes resultados no lugar em que se encontra.

Para melhor compreensão deste equipamento social no presente, é necessário contextualizá-lo em sua herança colonialista, sob a égide dos interesses dominantes após o estado moderno. Em sua historicidade, a instituição museológica se desenvolve sob a supremacia do estado de valores colonialistas e não dos povos, ou dos grupos étnicos, ou dos trabalhadores e trabalhadoras, ou dos vencidos e vencidas. Nesse sentido, sempre se tratou de instituição educativa com objetivo de confirmar – e difundir – a cultura da hegemonia branca, patriarcal, colonialista, pois “as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam.” (CHARTIER, 1990, p. 17).

Assim por muito tempo esteve a serviço da interpretação e da preservação de recortes históricos e da memória colonialistas, bem como, da perpetuação da cultura dominante. Constituíram-se como espaços de reafirmação dominante acolhendo a neutralidade discursiva de seus acervos e coleções, portanto, produzindo afirmações e ações educativas universalizantes. Os processos comunicativos produzidos sempre estiveram consubstanciados dentro de uma concepção em que o objeto musealizado esteve sempre atribuído a uma natureza ideológica do grupo que a produz.

Nessa perspectiva, esta compreensão subsidia-se na afirmativa de que “o artefato neutro”, “purificado de retórica”, o “objeto concreto” não existe (MENESES, 1994, p. 20). Portanto “não há museu inocente” (RAMOS, 2004, p. 14). Não havendo museus inocentes, não há também neutralidade, e o que existe são políticas bem definidas dos objetivos que se quer com a criação desses espaços de cultura e de aprendizagem.

Criar espaços que contam de diferentes formas a história, é trazer a memória e com ela fazer reconstituições, interpretações e mesmo criar possibilidades de reorganizações a depender do que se espera do elemento social, museu. Pode-se dizer que, esses espaços, recheados de história, cultura e memória foram inicialmente criados por grupos que coadunavam com a dita ciência moderna, com a política do colonialismo do saber, política esta, que foi sendo contraposta com outras formas de pensar e de reconhecer uma outra presença e uma outra história-memória que condiz com diferentes grupos étnicos do país.

Então, especialmente a partir da segunda metade do século XX surgem no mundo, movimentos epistemológicos contra hegemônicos que se dedicam a produzir críticas às tradições paradigmáticas da ciência moderna. Nesse contexto de reformas, a Educação no Brasil passa a ser objeto de estudos de pesquisadores como Darcy Ribeiro, Paulo Freire, Carlos Rodrigues Brandão, Dermeval Saviani, Vera Maria Ferrão Candau, Maria da Glória Gohn, entre outros (as), que vão possibilitar novas compreensões dos processos educativos e atribuírem novas significações às práticas didático-pedagógicas e às mediações culturais. Estes novos horizontes epistemológicos possibilitaram uma nova forma de se pensar a educação museal, que na atualidade pode ser compreendida como um campo da educação dedicado aos processos de mediações culturais de diferentes etnias, partindo de leituras outras dos

objetos musealizados. Ou seja, uma leitura atribuída de dimensões históricas, políticas, sociais e econômicas que reconhece diferentes constituições sociais culturais.

Para a compreensão desta outra leitura, é interessante dialogar que a mesma é parte de um processo educativo, sendo assim, necessário se faz fazer algumas retomadas conceituais. Como parte de um processo educativo, sinto que há que se identificar o lugar deste processo no espaço do museu, pois, como processo educativo insere-se em uma forma de educação. Existe um conjunto de conceituações acerca da palavra educação, e lugares a que ela se destina. Assim alguns autores a dividem em Educação formal, não formal e informal. A primeira, geralmente destinada à escolarização, a segunda aos espaços sociais que produzem diferentes tipos de processos educativos de maneira objetivada, e a terceira a espaços mais amplos da sociedade. A Educação Museal localiza-se no campo da educação não formal que compreende um tipo de educação intencional com níveis de sistematização e controle, mas que não se encontra no quadro das instituições formais de educação escolarizada.

A educação não formal esta imbricada em “um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade”. (GOHN, 2010, p. 40).

A instituição museológica configura-se como uma instância de educação não formal, de agenciamentos, de contingenciamentos e (re) produção cultural, a partir do lugar em que está inserida, com significativa capacidade de interferência no pensamento coletivo, daí a importância da produção de museus decoloniais em que, pelo processo educativo, evidenciam outras formas de olhar as constituições histórico-sócio-culturais.

Nessa perspectiva, esta discussão se fortalece quando a educação museal passou a compor o conjunto das políticas públicas educacionais no ano de 2018. A Política Nacional de Educação Museal (PNEM) reconhece o museu como campo profissional e de pesquisa e o conceitua como lugar de “um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade”. (PNEM, 2018, p. 03).

Mesmo com uma política nacional de educação museal, reconhece-se a presença do pensamento colonialista, o que se torna nesta reflexão, um problema, pois, carregarem muito da carga ideológica de uma memória colonialista, das implicações com os governos e dos grupos que as produzem. Nesse sentido, a práxis educativa museal precisa superar, como contraponto, o paradigma da tutela positivista, herdada nas produções museais e museográficas, geralmente construídas sem a participação e protagonismo dos diferentes grupos sociais que tuteladamente as compõem. É nesse sentido que Avilés et al (2017, p. 64) comenta que "[...] os museus continuam sendo instituições rodutoras de elites políticas, espaços de poder distanciados da maioria da sociedade e ausentes em muitos territórios".

O século XXI exige uma compreensão crítica da musealidade, considerando a produção de práxis educativas em formas colaborativas, interculturais, interétnicas e intersubjetivas, observando as horizontalidades e os limites dessas mesmas produções e das experiências decorrentes dos isomorfismos que ocorrem nos espaços sociais pedagógicos.

Relato de experiência museal

Considerando o texto anterior, a retomada histórica e de memória dos museus e, ainda a exigência de um outro tempo, de outras formas de ver e estar no mundo, é que inicio uma reflexão que se fundamenta em uma experiência simples em sua ação, mas complexa em seus significados.

Compreendo que é papel do museu e, por conseguinte, da Educação Museal e, no lugar de pesquisador, problematizar as práticas educativas decorrentes das estruturas museológicas quando descolada dos movimentos sociais reivindicatórios das minorias, dos vencidos pela narrativa oficial, dos territórios colonizados. Como partícipe do museu do Vale do Arinos, com a finalidade de contribuir para a produção de uma práxis educativa, compreendida no sentido da participação de povos indígenas em diferentes espaços, o museu se dispôs a uma experiência diferenciada, que se deu a partir da formação museológica.

Nesse sentido, o relato que segue insere-se no esforço, de estando no museu, colocá-lo em movimento. Assim, buscou-se experienciar novas práticas e/ou práxis educativas diferenciadas, a partir do Museu do Vale do Arinos (instituição museológica da cidade de Juara-MT). Essas práticas e/ou práxis tiveram como objetivo subsidiar a participação ampliada dos grupos étnicos de Juara no evento de educação (ENAED). A finalidade estava em ampliar uma rede complexa de relações, aproximando povos culturalmente diferentes.

No ano de 2019, o Museu do Vale do Arinos por meio de ações interdisciplinares e interculturais de educação museal, junto às aldeias indígenas Tatuí (etnia Kayabi), Mayrob (etnia Apiaká) e Nova Munduruku (etnia Munduruku) mobilizou 46 indígenas (em média, 16 de cada etnia), homens e mulheres, adultos e jovens, para participarem do evento científico “IX ENAED – Encontro Nacional de Educação”, promovido pela Universidade do Estado de Mato Grosso, campus de Sinop-MT.

O interesse do Museu do Vale do Arinos nessa mobilização se deu em razão de o referido evento científico propor o debate indígena por meio de mesas e temáticas emergentes específicas com a participação do cacique Raoni Metuktire, da etnia Kaiapó, palestrante da temática: “Amazônia, Terra e Identidade” (com participação da Profa. Mayalú Kokometi Waurá Txucarramãe, Megaron Txucarramãe), liderança indígena de destaque internacional e considerado pelos povos indígenas de Mato Grosso uma das mais importantes representatividades do movimento indígena brasileiro do século XXI.

O Museu do Vale do Arinos articulou essa participação de diferentes grupos étnicos com a colaboração da Universidade do Estado de Mato Grosso (campus de Sinop-MT e campus de Juara-MT) e ambas as instituições – a Universidade do Estado de Mato Grosso e o Museu do Vale do Arinos – viabilizaram traslado, estadia e alimentação aos participantes indígenas.

Com uma postura etnopolítica e identitária, homens e mulheres indígenas foram caracterizados (as), pintados (as) de jenipapo e urucum, de arcos e flechas, com seus artesanatos, corpos pintados, cocares, uma forma de evidenciarem suas etnicidades.

De acordo com relato dos próprios indígenas, a forma com que foram indumentados para o evento, é um modo de demonstrarem respeito a uma importante

liderança indígena e também porque é costume no movimento indígena os povos estarem representados, conforme a identidade étnica.

Este processo de mobilização para a participação junto ao IX ENAED evidenciou para nós a importância da instituição museológica estar junto aos movimentos sociais – fora de sua zona de conforto – para uma articulação política intercultural e interétnica de qualidade social para a produção de isomorfismos pedagógicos em novos espaços (não necessariamente institucionais), para a produção de expressões vivas da diversidade cultural.

É importante destacar que o cacique Raoni Metuktire, ao saber da chegada de representantes das etnias indígenas Kayabi, Apiaká e Munduruku, quebrou o protocolo do evento, convidando de imediato as respectivas lideranças para estarem com ele à sua mesa (Fig. 01), onde os abraçou, um a um, publicamente, sorrindo de uma felicidade espontânea que contagiou toda a assistência.

Fig. 01: Mesa do cacique Raoni Metuktire dividida com os povos indígenas de Juara-MT.



Fonte: Museu do Vale do Arinos (JUNIOR DO CARMO MANI KAYABI, 2019).

A partir desse encontro interétnico, foi realizada uma produção audiovisual na forma de um curto documentário (a qual pode ser acessada na plataforma *YouTube* no canal do *Instituto Ecumam*) pelo Museu do Vale do Arinos e Instituto Ecumam.

Neste, as mencionadas etnias indígenas manifestaram apoio à luta e ao movimento indígena, a partir da representatividade promovida pelo cacique Raoni Metuktire, entre outras ações, como a produção da Carta da Amazônia e a construção e agendamento de um grande encontro interétnico no Xingu, na aldeia principal do povo Kaiapó, com a liderança Raoni Metuktire, para uma articulação política do movimento indígena mato-grossense.

Outro acontecimento importante, não previsto, foi a realização de uma reunião debaixo de uma árvore, durante o dia, no local do evento, de diversas lideranças Kayabi com a direção do campus universitário de Sinop-MT, para a formalização de uma parceria entre a referida etnia e a Universidade, para o projeto de constituição de um museu na cidade de Sinop-MT, com um memorial Kayabi. Estudos têm evidenciado que os povos originários são e estão por todo o território brasileiro. No caso dos Kayabi, para continuarem vivos, utilizaram de estratégias de enfrentamento às violências, dividindo-se em vários grupos e, de acordo com Francisco Forte Stuchi (2010), grupos se instalaram “em pequenas aldeias às margens do Teles Pires, em seu médio e alto curso, enquanto outro grupo preferiu se manter isolados no rio dos Peixes até a década de 1950.

Para a etnia Kayabi, o projeto de museu seria importante para preservar e difundir a sua memória naquela região que, em razão da colonização, do avanço do agronegócio e mais recentemente, pela chegada de uma usina hidrelétrica (esta última impactando sítios arqueológicos Kayabi às margens do rio Teles Pires), tem acelerado o processo de apagamento e esquecimento. Trata-se da “luta da memória contra o esquecimento”. (KUNDERA, 1987, p.10).

Outro fator que fortalece essa proposição discutida em Sinop, se dá em razão de o pouco patrimônio arqueológico Kayabi, resgatado em função da construção da usina hidrelétrica de Sinop-MT, encontrar-se sob a guarda de instituição museológica sediada em Cuiabá-MT, o que dificulta, pela distância geográfica, o acesso do povo Kayabi à esses fragmentos materiais de uma herança cultural que compõem também a cultura imaterial.

Essas experiências interétnicas e interculturais, promovidas pela Educação Museal, demonstram a necessidade de a instituição museológica estar junta aos movimentos sociais, aos grupos produtores de culturas, para provocar produções de

práxis educativas e políticas entre e com grupos culturalmente diferentes e harmonizar relações indigenistas coletivas para o fortalecimento do movimento indígena que é caracterizado por grupos socialmente vulneráveis.

Esses dois episódios relatados mobilizaram uma forma de pensar o museu do Vale do Arinos, no sentido de se constituir como um espaço etnopolítico, em que suas práticas não se findam apenas na exibição de artefatos, mas que, em ação, se solidarize e construa outras formas de ser museu.

Diante do exposto e das reflexões que ora se deram de forma coletiva, ora individualmente, este pesquisador produziu elementos reflexivos e de pesquisa junto ao Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade do Estado de Mato Grosso, para aprimorar as lentes em direção ao Museu do Vale do Arinos, identificando suas práticas e/ou práxis. É uma pesquisa que se quer analítica e propositiva, a partir das identificações de como está e de como pode estar o Museu do Vale do Arinos.

Considerações Finais

O artigo escrito é resultado de reflexões que se direcionaram na produção do Projeto de Pesquisa em desenvolvimento no Programa de Mestrado em Educação – PPGEdU e é um exercício teórico, epistemológico de desnudamento e de reflexividade da vivência feita em relato, a partir do que se tem compreendido sobre a experiência da educação museal indígena, vivenciada no contexto do Museu do Vale do Arinos, na Amazônia Mato-Grossense.

Com o referido artigo produziu-se visibilidades do próprio museu do Vale do Arinos, do movimento indígena acerca das suas lutas, suas reivindicações, da articulação necessária junto às universidades, e da necessidade de realização de pesquisas que sejam decoloniais e que busquem articulação sempre entre o vivido, a pesquisa e o contexto contemporâneo.

Compreendo, a partir dessa experiência, que as instituições museológicas precisam se aproximar muito mais dos grupos indígenas que são originários deste país e estado, mas também, são os atores/produtores de uma grande história, de memórias, culturas, identidades, além de serem responsáveis pela produção dos acervos arqueológicos e etnológicos patrimonializados e musealizados.

É necessário romper esse distanciamento. É necessário que as instituições museológicas busquem construir junto às populações indígenas o sentido de pertencimento, não de distanciamento, de outra forma, que os museus se reconstituam e se construam decoloniais. É necessário que a instituição museológica seja mais da base e menos da elite, mais do chão e menos do mármore, mais da aldeia e menos do colonizador, mais do bairro, da favela e menos do centro. Mais aberta e menos tecnocrática e cientificista (no sentido de sua construção participativa).

É necessário que a instituição museológica, que detenha patrimônio indígena seja de fato uma extensão da própria aldeia, como nos ensina o indígena da etnia Munduruku, Marcelo Manhuari Munduruku (2019, p. 09):

O Museu do Vale do Arinos é para nós indígenas uma extensão das nossas aldeias, um lugar de nossa cultura na cultura não indígena, o que o faz também um espaço de integração onde nós podemos conhecer e conviver com o outro sem deixar de sermos nós.

Compreendo também que a instituição museológica, para além de seu espaço institucional museal, pode possibilitar aproximações interétnicas para o fortalecimento de grupos de luta do movimento indígena, fomentando laços de confiança entre diferentes etnias indígenas. É o sentido de museu enquanto movimento social organizado, de lutas, de enfrentamentos, de mobilizações sociais, é ver “a reapropriação pelos movimentos sociais de uma antiga tecnologia de poder, o museu” (MILLET, 2020, s/p). Dentro dessas perspectivas, produzir práxis educativas potencializadoras, geradoras de construção e existência étnicas em uma perspectiva intercultural e decolonial.

A instituição museológica, por meio da educação museal, pode promover uma série de processos e ações que vão resultar no melhoramento político da própria sociedade, contribuindo para a minimização gradual das muitas formas de preconceito e discriminação sofridas, historicamente, pelos grupos socialmente vulneráveis, pois a instituição museológica é essencialmente instituição política (SUANO, 1986).

É inserido nas formas evidenciadas de pensar, de vivenciar tais experiências que entendo que há muito por fazer, e a pesquisa pode ser um caminho propício para outras compreensões e apontamentos importantes para o Museu do Vale do Arinos, pois os diálogos se ampliam e compreensões outras são postas em visibilidade.

REFERÊNCIAS

AVILÉS, Rosa María Hervás; LÁZARO, Antonia María Sánchez; IBÁÑEZ, Magdalena Castejón. El museo como espacio de desarrollo local. Una experiencia de participación ciudadana. In: DUFRESNE-TASSÉ, C.; LARAIGNÉE, A. M. (Ed.). **Special issue on research**. ICOM Education 27. Roma: Edizioni Nuova Cultura, 2017.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). **Política Nacional de Educação Museal (PNEM)**. 2018. Disponível em <https://pnem.museus.gov.br/>, acessado em 27/12/2020.

CAZELLI, Sibeles; VALENTE, Maria Esther. **Incursões sobre os termos e conceitos da Educação Museal**. ReDoc - Revista Docência e Cibercultura. Rio de Janeiro v. 3 n.2 p. 18 Maio/Agosto 2019. ISSN 2594-9004.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

GOHN, Maria da Glória. **Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos**. Investigar em Educação - IIª Série, Número 1, 2014.

KUNDERA, M. **O livro do riso e do esquecimento**. Nova Fronteira, Rio de Janeiro. 1987.

MATO GROSSO, JUARA. **Museu do Vale do Arinos**. www.museudovaledoarinos.org.br acessado em 01/07/2020.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico**. Anais do Museu Paulista, São Paulo, nova série v. 2, p. 9-42, jan/dez 1994.

MILLET, Raphael. **Memória constituinte e movimento social: lições de um museu popular**. Revista Estudos Hum(E)Anos. Vol. 8, nº 1. janeiro-junho 2020. ISSN 2177-1006. Disponível em <http://revista.estudoshumeanos.com/memoria-constituente-e-movimento-social-licoes-de-um-museu-popular-por-raphael-millet/>. Acessado em 03/01/2021.

MOREIRA, Antonio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu da Silva. **Currículo, Cultura e Sociedade**. 10. ed. São Paulo: Cortez. 2008.

MUNDURUKU, Marcelo Manhuari. **O MUSEU DO VALE DO ARINOS PARA OS POVOS INDÍGENAS DO VALE DO ARINOS**: Uma análise a partir da perspectiva indígena Munduruku. Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT. Anais Vol. 14 (2019): Seminário de Educação do Vale do Arinos, Juara/MT, Brasil, 04-06 Setembro 2019, Coordenação do Curso de Pedagogia, Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: o museu no ensino de História**. Chapecó: Argos, 2004.

STUCHI, Francisco Forte. **A ocupação da terra indígena Kaiabi (MT/PA): história indígena e etnoarqueologia**. São Paulo – Dissertação- Universidade de São Paulo (USP), 2010,

SUANO, Marlene. **O que é Museu**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

Recebido: 13/09/2020

Aprovado: 30/06/2021

Publicado: 01/09/2021